



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

---

**Dossiê: Patrimônio local e global em tempos de pandemia**

V 11 | n 21 | jul-dez 2022

---

**Altars domésticos: reflexões antropológicas sobre as sociabilidades envolvendo a circulação de objetos de coleções religiosas em um bairro da cidade União dos Palmares**

**Edineide da Silva; Rafael de Oliveira Rodrigues**

---



**Edição eletrônica**

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](https://nau.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

**Organização**

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

**Referência Bibliográfica**

SILVA, Edineide da; RODRIGUES Rafael de Oliveira. Altars domésticos: reflexões antropológicas sobre as sociabilidades envolvendo a circulação de objetos de coleções religiosas em um bairro da cidade União dos Palmares. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 21, p. 67-89, jul-dez 2022. Semestral.

---

# **Altars domésticos: reflexões antropológicas sobre as sociabilidades envolvendo a circulação de objetos de coleções religiosas em um bairro da cidade União dos Palmares**

**Edineide da Silva**<sup>1</sup>

**Rafael de Oliveira Rodrigues**<sup>2</sup>

## Resumo

O principal objetivo deste artigo é analisar as diferentes lógicas que subjazem ao processo de colecionamento de objetos utilizados para confecção de altares domésticos religiosos. Trata-se de analisar como diferentes famílias do bairro Nossa Senhora das Dores, localizado na cidade de União dos Palmares, no estado de Alagoas, Brasil, colecionam objetos de caráter religioso, como imagens, terços, quadros e fotografias de santos católicos, com fins de produzirem altares religiosos domésticos, e quais histórias e memórias são produzidas a partir da relação entre as famílias e suas coleções de objetos religiosos. Para o alcance do objetivo proposto, foi utilizada uma metodologia qualitativa de caráter etnográfico, pautada, num primeiro momento, em levantamento bibliográfico e documental e, num segundo momento, em entrevistas com um grupo de moradores do bairro. As conclusões apontam, primeiro, para existência de uma pluralidade de sentidos que subjazem a aquisição destes objetos, sua posterior organização e agregação aos altares religiosos das famílias que contribuíram com a pesquisa; em seguida, para o fato de que existe uma pluralidade de formas de atribuição de significados técnicos e estéticos de conservação dos objetos de coleções na composição dos altares religiosos domésticos.

**Palavras-chave:** altares religiosos domésticos; objetos de coleções etnográficas; União dos Palmares; Estado de Alagoas; Brasil.

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: edineidedasilva@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia pelo programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC); Professor do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL): rafaelorodrigues@gmail.com

## Abstract

The main objective of this master's thesis is to analyze the different logics that underlie the process of collecting objects used to make religious domestic altars. It is about analyzing how different families from the Nossa Senhora das Dores neighborhood, located in the city of União dos Palmares, state of Alagoas, Brazil, collect objects of a religious nature, such as images, rosaries, pictures and photographs of Catholic saints, with the purpose of to produce domestic religious altars; which stories and memories are produced from the relationship between the families that contributed to the research and their collections of religious objects; In order to reach the proposed objective, a qualitative methodology of ethnographic character was used, based, at first, on a bibliographic and documentary survey and, secondly, on interviews with a group of residents of the neighborhood. The conclusions point, first, to the existence of a plurality of meanings that underlie the acquisition of these objects, their subsequent organization and aggregation to the religious altars of the families that contributed to the research; then, to the fact that there is a plurality of forms of attribution of technical and aesthetic meanings of conservation of collection objects in the composition of domestic religious altars.

Keywords: domestic religious altars; object of ethnographic collections; Palmares Union; State of Alagoas; Brazil

## Introdução

Este trabalho é o resultado de uma dissertação de mestrado desenvolvida entre os anos de 2019 e 2022, cuja finalidade foi refletir as diferentes lógicas que subjazem ao processo de colecionamento de objetos utilizados para confecção de altars domésticos religiosos.<sup>3</sup> A partir das coleções de objetos particulares, representativos do catolicismo popular, de um grupo de moradoras do bairro Nossa Senhora das Dores, localizado na cidade de União dos Palmares, no Estado de Alagoas, Nordeste do Brasil, procuramos discutir, mais especificamente agora, como esse grupo coleciona objetos como imagens, terços, quadros e fotografias de santos católicos, com fins de produzirem altars religiosos domésticos, e quais histórias e memórias são produzidas a partir da relação entre as famílias que compõem esse grupo e suas coleções de objetos religiosos.

---

<sup>3</sup> Dissertação defendida no programa de Pós-Graduação em Antropologia social da Universidade Federal de Alagoas.

Para nos auxiliar nesta reflexão, procuramos desenvolver um diálogo com autores fundamentais nos estudos sobre patrimônio cultural e produção de coleções etnográficas, numa perspectiva antropológica. Por exemplo, procuramos traçar um diálogo entre Marcel Mauss (1950) e Arjun Appadurai (2008), num esforço para melhor compreender o modo como determinados objetos adquirem *status* de patrimônio cultural, carregando os significados sociais que lhes são impressos, ao mesmo tempo em que são, nesta qualidade, dispostos em diferentes esferas de circulação: econômica, simbólica, pública, privada e religiosa.

Trazemos, também, para este diálogo, autores como Maurice Halbwachs (2004), Peter Stallybrass (2016), Silveira e Lima Filho (2005) para nos auxiliar a refletir o modo como determinados objetos, uma vez tomados como patrimônio ou referência cultural por determinado grupo social, tornam-se agentes estimuladores de lembranças individuais e memórias sociais, contribuindo para promoção da solidariedade do grupo, reforçando laços de pertencimento e identidade.

Para nos auxiliar, ainda, nesta reflexão, utilizamos uma metodologia qualitativa de caráter etnográfico dividida em duas etapas. A primeira etapa consistiu em um amplo levantamento bibliográfico e documental sobre os temas da religiosidade popular, do patrimônio cultural e da antropologia dos objetos etnográficos, ou seja, os objetos representativos das dinâmicas socioculturais de um determinado grupo. A segunda etapa foi pautada pelos princípios da observação participante e de uma pesquisa de campo etnográfica no bairro Nossa Senhora das Dores, no município de União dos Palmares, como já foi dito.

Para o primeiro momento desta segunda etapa, foram consultados os bancos de dados de teses e dissertações nas bibliotecas das universidades federais brasileiras, especialmente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), instituição à qual esta pesquisa esteve vinculada. A partir desta primeira consulta, foram mapeados os estudos sobre o catolicismo popular, sobre as relações entre o sagrado e o ordinário, assim como as relações entre as dinâmicas do público e do privado na expressão da religiosidade popular. Depois disso, foram mapeados estudos antropológicos sobre as dinâmicas que envolvem o patrimônio material e imaterial brasileiro, assim como sua relação com a atribuição de significados aos objetos de caráter etnográfico que compõem as coleções de objetos religiosos de um grupo de católicos do bairro Nossa Senhora das Dores. Para esta segunda etapa do levantamento bibliográfico, foram selecionados artigos nas plataformas de pesquisa bibliográfica, como CAPES Periódicos e *Scientific Electronic Library* (SCIELO).

Depois do levantamento bibliográfico, a catalogação e o tratamento do material bibliográfico e documental, foi dado início à segunda etapa desta fase da coleta dos dados. Para tanto, utilizamos a metodologia conhecida como Bola de Neve (BAUER; GASKELL, 2008). Esta metodologia consiste em, a partir de um interlocutor chave, ou seja, um participante chave da pesquisa, contatado antes de todos(as) os(as) outros(as), irmos construindo, a partir das indicações dele, uma amostra de interlocutores que serão essenciais para a coleta dos dados por meio de entrevistas e fotografias.

Após contato inicial com a interlocutora chave, fomos arrastados até outras pessoas que, pela proximidade com ela, aceitaram contribuir com a pesquisa. Depois disso, iniciamos o trabalho de coleta de dados com as participantes definidas em conjunto com a nossa interlocutora chave.

Definido o universo das pessoas a serem entrevistadas, foram agendadas as datas das entrevistas. Antes de iniciarmos as entrevistas, era feita a explicação do projeto, com a gravação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em áudio. É importante destacar que, dentre as interlocutoras, somente uma delas também gravou em vídeo, mas todas as outras preferiram gravar apenas a voz. Como já foi dito, utilizamos a técnica e o método da observação participante, acompanhados da aplicação de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, escuta de depoimentos, relatos de vida das participantes e alguns familiares residentes na casa. É importante destacarmos que duas das participantes não quiseram ser identificadas, mas todas as outras concordaram em manter seus nomes originais. De todo modo, optamos por utilizar nomes fictícios para nomeá-las, com o intuito de manter o anonimato das participantes.

Participaram dessa pesquisa dez mulheres entre 52 anos e 92 anos de idade e um homem de 65 anos, que é marido de uma delas. Inicialmente, três foram convidadas a participar e, a partir delas, as outras foram indicadas. Quase todas as entrevistas aconteceram em locais abertos, elas sentadas na frente de suas casas, mantendo o distanciamento necessário para a proteção de todos. É importante esclarecer que a coleta dos dados foi realizada no momento em que a Covid-19 ainda apresentava um grande índice de contágio e que as vacinas estavam sendo aplicadas apenas nos idosos da população brasileira. Desse modo, elas eram agendadas seguindo orientações estaduais e federais que visavam controlar a circulação das pessoas, a partir do aumento das taxas de vacinação.

Depois das entrevistas semiestruturadas, que serviam como um primeiro contato para nos conhecermos e para que eu apresentasse os temas e os assuntos que seriam abordados na

pesquisa, eram agendadas as entrevistas estruturadas, em que tratávamos de temas mais específicos e aprofundados sobre as coleções de objetos religiosos; o modo como eles eram tratados e apresentados ao público nos seus altares religiosos domésticos; o modo como elas conservavam os objetos e como elas estabeleciam relações de proximidade com outros fiéis também por meio dos objetos dos altares religiosos. Daí eram selecionadas algumas entrevistadas para uma conversa um pouco mais aprofundada sobre suas histórias de vida, com ‘o intuito de obtermos mais informações sobre o catolicismo popular e as relações que se estabeleciam entre os componentes desta prática no grupo selecionado.

O roteiro das entrevistas foi utilizado como norteador para iniciar e desenvolver a pesquisa, mas, durante a maior parte das conversas, minhas interlocutoras comandaram e direcionaram as questões dentro do que elas queriam falar, comigo sempre tentando manter o roteiro. Isso me direcionava para aprofundar algumas questões, das citadas acima, por meio das entrevistas estruturadas e de história de vida, que só eram realizadas após longas séries de conversas semiestruturadas.

As conclusões corroboram, primeiramente, os argumentos socioantropológicos de que os objetos, na qualidade referência cultural para os grupos sociais, tornam-se agentes estimuladores de lembranças e memórias, individuais e sociais, contribuindo para promoção da solidariedade do grupo, reforçando laços de pertencimento e identidade. Em seguida, observamos a existência de uma pluralidade de sentidos que subjazem a aquisição destes objetos, sua posterior organização e agregação aos altares religiosos das famílias que contribuíram com a pesquisa; Depois disso, as conclusões apontaram para o fato de que existe uma pluralidade de formas de atribuição de significados técnicos e estéticos de conservação dos objetos de coleções na composição dos altares religiosos domésticos. Por fim, concluímos, chamando atenção de que os objetos podem ser aportes de memórias e significados, excelentes para pensarmos contextos sociais, podendo ser utilizados para futuros estudos sobre as dinâmicas sociais em torno da pandemia do coronavírus, que tem se mostrado um marco de transformações sociais, nas nossas relações com os objetos, com a morte e com a solidariedade humana.

## **Perspectivas antropológicas sobre os objetos de coleções**

Colocados diante dessa tela, sentimo-nos transportados a outros tempos e outras histórias, navegando livremente entre a claridade e as sombras, divididos entre a fascinação e o mistério. Não sabemos, porém, que estamos enredados em uma armadilha que para nós foi tecida lenta e carinhosamente por D. Maria do Carmo. “Um dia perguntará algum curioso – Quem foi esse Guido de Mello Rego? (OLIVEIRA, 2007, p. 90).

O trecho acima, de João Pacheco de Oliveira (2007), está no texto *O retrato de um Menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI*. Neste texto, o autor lança uma reflexão sobre a pintura de uma criança Bororo, pertencente ao acervo do Museu Nacional, Rio de Janeiro. O texto analisa as histórias e os contextos de produção de uma antiga fotografia e, especialmente, os significados e caminhos percorridos pela imagem até que ela fosse agregada ao acervo da instituição. A citação é bem oportuna para o assunto que irei desenvolver aqui: a circulação de objetos de coleções, utilizados para confecção de altares religiosos, entre um grupo de moradoras de um bairro da cidade de União dos Palmares.

Os objetos religiosos em sua semântica estão repletos de significados, histórias e memórias entrelaçadas na dualidade forma/essência, sendo cada um atravessado ao mesmo tempo por uma história singular e geral que se costuram numa trama que está sempre em movimento, devido ao contexto e ações dos atores detentores destes objetos.

Ao observar o papel dos objetos na vida social dos povos australianos, Mauss (1950) argumenta que os objetos se tornam receptáculos das subjetividades individuais e sociais, na medida em que carregam o “hau” e o “mana” (energia vital e personalidade) de seus donos, tornando-se mediadores de relações sociais. Para o autor, os objetos destes povos carregavam um tipo de energia mística que, de alguma maneira, mantinha a solidariedade social do grupo. Nas palavras do próprio autor:

Todos os bens trocados tem um hau, um poder espiritual – o hau da dádiva. Você me dá, eu dou a um terceiro, este me retribui com outro. Eu sou obrigado a dar porque devo devolver. O hau acompanha não apenas o primeiro donatário [...], mas todo indivíduo ao qual o taonga é simplesmente transmitido. No fundo, é o hau que quer voltar ao lugar de seu nascimento. [...], ele se prende a essa série de usuários, até que estes retribuam com seus próprios taonga, suas propriedades ou então seu trabalho ou comércio, através de banquetes, festas, presentes [...]. Eis a ideia dominante [...], a circulação obrigatória das riquezas, tributos e dádivas (MAUSS, 1950, p. 199-200).

No fragmento acima, Mauss (1950) destaca as alianças produzidas pelas dádivas, que podiam ser sociais como casamentos, políticas ou religiosas num processo de reciprocidade que envolvia dar, receber e retribuir entre homens e homens ou entre homens e deuses, indo além da simples noção de troca mercantil, em que os processos acontecem ao mesmo tempo baseados na perspectiva utilitária do lucro. Na visão de Mauss (1950), a moeda utilizada para esse processo dependia do contexto. Quando se tratava de se retribuir a hospitalidade ou um presente, ele não era feito naquele momento, a gentileza ou favor poderia ser compensada em outro momento e sempre de maneira equivalente ou maior, nunca menor do que o recebido, mas sempre havia o dever da retribuição, fazendo as relações sociais se fortalecerem no que o autor define como dádiva. O dever de retribuir inaugura um primeiro regime de direito, em que o grupo social não havia como fugir a isso, quem acumulava um determinado objeto sem retribuir, ou seja, sem repassá-lo adiante, era malvisto pelos seus. Analisando o pensamento de Mauss (1950), o objeto configura-se como moeda de troca dentro do compromisso de presentear, reaver e recompensar.

Em um diálogo não tão explícito com Mauss (1950), Arjun Appadurai (2008) propõe uma reviravolta metodológica, procurando entender as relações sociais a partir da biografia dos objetos inseridos em diferentes esferas de circulação. Citando Karl Marx, especialmente *O Capital*, Appadurai reflete que os objetos também circulam por diferentes espaços de valoração, ele argumenta que alguns objetos, na qualidade de mercadorias, transitam por diferentes esferas de circulação, em que lhes são atribuídos valores de uso, venda e troca. Considerando a tese de que [...] “Para se tornar mercadoria, o produto tem de ser transferido para outrem, a quem irá servir de valor de uso, por meio de troca” (MARX, 1971, p. 48), os objetos trocados podem estar inseridos em esferas de mercado, pautadas, ora pela lógica do custo e benefício, e no valor do dinheiro, ora pela lógica da dádiva, ou seja, uma lógica simbólica, cujos valores afetivos são o guia para troca e circulação de objetos dentro de determinado grupo social.

Os processos de movimentação a que os objetos de coleções são submetidos, como permuta, aquisição, transferência, doação ou regalo, permitem observarmos as diferentes esferas de circulação dos objetos, seja na qualidade de mercadorias, seja na qualidade de dádivas. Mais ainda: permitem observar que o valor atribuído aos objetos não se restringe a um valor de mercado, pautado pela lógica de maximização do lucro, ele também pode ser de caráter afetivo, simbólico. Desse modo,

[...] o objeto econômico não tem um valor absoluto como resultado da demanda que suscita, mas é a demanda que, como base de uma troca real ou imaginária, confere valor ao objeto. É a troca que estabelece os parâmetros de utilidade e escassez, não o contrário, e é a troca que é a fonte de valor. (APPADURAI, 2008, p. 16).

Segundo o autor, os valores atribuídos aos objetos nas diferentes esferas em que eles circulam são balizados pelo processo de troca, que não está preso a uma única definição, o processo compreendido como troca pode ter diferentes definições semânticas dentro das necessidades do meio social. Ou seja, o valor não está nos objetos em si, mas nas relações sociais nas quais eles estão inseridos. Assim, apesar de argumentarem sobre duas perspectivas diferentes, Mauss (1950) e Appadurai (2008) concordam ao pensar os objetos como elementos que circulam no meio social, sendo fundamentais para as sociabilidades entre grupos e indivíduos, na medida em que selam laços numa relação financeira, de compra e venda, ou mesmo religiosa, como também política.

Seguindo a sugestão ontológica de Mauss, de que os objetos têm um tipo de espírito, e seguindo a sugestão epistemológica de Appadurai (2008), de que os objetos têm uma biografia, a qual lança luzes sobre as diferentes esferas sociais de circulação, foi possível observar que os objetos que compõem os altares religiosos do grupo de senhoras católicas do bairro Nossa Senhora das Dores circulam dentro de diferentes esferas. Antes de serem religiosos, passaram por rotas econômicas nos processos de compra e venda. Depois, tornam-se objetos de dádivas, em que lhes são atribuídos valores e significados que ultrapassam a noção de “bem” ou simples “mercadoria”, como coisa adquirida pelo simples prazer de possuir ou acumular. Ao fim, tornam-se objetos de memória afetiva, individual e social, evocando lembranças de pessoas falecidas. Estes objetos circulam em contextos singulares nos atos praticados pelos sujeitos que os possuem.

Trazendo as ideias de Mauss (1950) e Appadurai (2008) para lançar luz no debate brasileiro, Silveira e Lima Filho (2005) refletem os objetos de coleções, representativos do patrimônio cultural do País, como sendo repletos de sentidos que lhes são atribuídos por outras pessoas. Os objetos integram a vida das pessoas, estão ali e não teríamos como desempenhar determinadas funções sem sua existência. Independentemente do seu valor de mercado, os objetos se prestam a alguma ação e são indispensáveis no processo de construção de identidades ao gerar memórias afetivas, originando vínculos sociais. Sobre este ponto, os autores trazem os exemplos dos coqueiros que “marcam o tempo e os acontecimentos na aldeia Santa Isabel do

Morro, na Ilha do Bananal” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 40). Para qualquer pessoa, são apenas simples coqueiros, mas para Maluaré, interlocutor da pesquisa realizada por Silveira e Lima Filho (2005), é sua história desenhada nas linhas dos coqueiros, é a memória de momentos vivenciados por ele dentro do grupo de que faz parte. “O objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que eles representam uma porção significativa da paisagem vivida (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 40).

Silveira e Lima Filho (2005) também refletem sobre a importância de determinados objetos etnográficos representativos das sociedades antigas, que, para os colonizadores, acostumados com a moeda como elemento de valor, causavam espanto pela circulação destes objetos dentro de um sistema de trocas complexo, também pautado pela dádiva. Ao tratarem do exemplo do Kula, um sistema de trocas totais já demasiadamente conhecido na antropologia, eles observam que a troca de colares e braceletes de conchas era o motor da vida social dos habitantes das Ilhas Trobriand e das regiões vizinhas.

É importante frisar que os sentidos atribuídos a esses objetos etnográficos são intrínsecos a eles. É no interior de uma coletividade que cada grupo social irá determinar o valor dos objetos ao seu redor e como eles podem ser utilizados na vida social, econômica e cultural do grupo. Nesse sentido,

A canoa Karajá, no Araguaia; os caramujos xinguanos, no Parque Nacional do Xingu; assim como a caneta, a moeda, o celular, o *mouse*), ou na política (o papel/pergamino onde foi impressa a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, depositado no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro; a bala que matou Getúlio Vargas, representada de forma museal no Palácio do Catete; a escrivãzinha de Pedro Ludovico, no Palácio dos Condes, na cidade de Goiás; ou o gravador de Mário Juruna no Congresso Nacional). Da mesma forma, na arte, no parentesco ou na religião os objetos são referências e, ao mesmo tempo, consequências da construção cultural (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 41).

A canoa, a moeda, o celular ou o *mouse*, imagens de santos católicos, fotografias, peças utilitárias da vida comum de qualquer grupo, mas, para alguns círculos que os utilizam, constituem-se como elementos singulares que desempenham funções de particular importância. Se os analisamos friamente fora de um circuito discursivo, são elementos inertes criados para determinados fins. Após atingirem os resultados, são descartados. Entretanto, observados e avaliados considerando um estrato coletivo, é possível argumentar que estes objetos não são inertes, circundam a paisagem, evocam memórias afetivas sustentadas na solidariedade dos

grupos sociais, assim como memórias traumáticas, decorrentes da perda de pessoas deste mesmo grupo, como foi possível observar no contexto da Covid-19.

Um tema que gostaria de dar destaque antes de encerrar esta seção do texto é o fato de que o objeto dado também se revela como uma tentativa de manter viva a memória de seu antigo dono. Através do objeto, o falecido continua presente na vida da família e dos amigos. Em diálogo com a literatura antropológica (MAUSS, 1950; APPADURAI, 2008; SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005), Peter Stallybrass (2016), em seu livro *O casaco de Marx*, também faz uma reflexão sobre o modo como os objetos geralmente são tratados numa perspectiva instrumental, especialmente dentro do bojo da literatura economicista, a partir de uma razão instrumental pautada na lógica do custo e benefício, como argumento para explicar a relação entre os seres humanos e os objetos materiais. Segundo o autor, existe, além desta razão instrumental, uma dimensão simbólica. Ao refletir sobre as roupas de pessoas falecidas, ele argumenta que as peças circulam por diferentes esferas de significados, não se restringindo apenas à esfera econômica, adquirindo significados e carregando a essência de seus donos, que continuam a existir por meio delas.

Dialogando com Stallybrass (2016), é possível observar que quem distribui os objetos de um ente querido já falecido, sejam roupas ou objetos religiosos, independentemente do material que o compõe, perpetua o desejo de manter a alma do antigo proprietário, algo do seu antigo dono. Ao aprofundar o modo como os objetos carregam algo de vital de seus proprietários, podemos sentir o cheiro deles nos objetos deixados depois da morte. Em outras palavras, mesmo já falecido, há algo dele que ainda está ali no armário, “sob a forma do corpo gravado na roupa, num punho puído, num cheiro” (STALLYBRASS, 2016, p. 18). Mais ainda: “A roupa está fortemente associada à memória. Ou, para dizê-lo de forma mais incisiva, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua ausente presença” (STALLYBRASS, 2016, p. 17).

## **Objetos de coleções e memória afetiva**

Apresento agora um conjunto de objetos de caráter religioso, adquiridos e colecionados por minhas interlocutoras de pesquisa, para refletir as narrativas que se desenvolvem através desses artefatos.

Figura 1 – Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Acervo pessoal.

O objeto acima é um desenho do Sagrado Coração de Jesus colocado em uma moldura geralmente usada em espelhos, com um papelão atrás, já desgastado e sem as cores originais, devido ao tempo. Ele possui uma história curiosa e interessante. Chegou para sua dona, Maria, depois de uma enchente ocorrida na região entre os municípios de Ibateguara, Mundaú, São José da Laje e União dos Palmares.

A entrevista começou com Maria sentada em uma cadeira de balanço na sala da casa rezando o terço, enquanto seu marido, José, assistia à televisão. Quando perguntei se a televisão ligada não atrapalhava enquanto ela rezava o terço, ela disse que não porque a atenção dela não estava na TV, mas na oração que estava rezando. Começou, então, a mostrar os objetos religiosos que possuía em seu altar doméstico, contando que alguns objetos foram comprados há alguns anos no Santo Juazeiro (na cidade de Juazeiro do Norte), outros ela comprou na porta de casa, outros ela ganhou de sua mãe, Vitória, outros, ainda, ela ganhou de vizinhas e outros, por fim, eram de sua falecida irmã, Socorro.

Sobre a foto do Sagrado Coração de Jesus, que veio ao encontro de seu marido na correnteza da água durante a enchente, Maria começou a contar a história dentro de casa, sentada na sala e, enquanto apresentava a biografia da foto, dirigiu-se à porta e colocou uma cadeira na frente da casa, sentou-se e continuou a contar a história, observando o céu e a rua. Este movimento de irmos para frente da casa se deveu à Covid-19, uma vez que, mesmo com o retorno das atividades em decorrência da vacinação dos idosos, algumas medidas, como estar em lugares abertos, ainda se faziam necessárias.

Somente na coleção de Maria a fotografia está há 33 anos. Ela não soube dizer a data com precisão, mas o objeto evoca nela a lembrança de que, na época em que chegou até ela, estava grávida de sua filha mais velha e chovia muito na região, fazendo transbordar os rios e as águas subirem até o ponto de afetarem sua casa.

Em um desses dias de chuva forte, ela recorda que, enquanto estava na rua, seu esposo, viu um objeto sendo trazido pelas águas que servia de apoio para um pintinho deficiente. Ele utilizava o retrato como uma tábua flutuante. Seu marido resgatou os dois das águas, o objeto e o pintinho, e os levou para sua esposa, que viu naquela situação um sinal, acreditando que aquele objeto religioso, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, não chegou até seu marido por acaso. Depois de pegar a foto, limpou-a e colocou dentro de uma sacola plástica transparente para conservá-la e a guardou. Ela não deixa a foto em exposição no seu altar religioso particular, ela fica dentro de um móvel que tem na sala de visitas de sua casa, como nos conta abaixo:

Isso aqui eu tava grávida da minha filha mais velha e deu uma cheia na barra, aí essa imagem, ela veio assim na água, do jeito que tá aqui, a água subindo e ela aqui. Quem achou foi José, e aqui em cima dele, uma pinta, tu sabe, como é filhote de galinha de capoeira? Uma pinta aleijada, tu espia, como as coisas de Deus é! José ia pra casa do pai dele que ficava perto da beira do rio, aí quando ele passou viu aquela pinta: “Piu, piu, piu”. Aí ele disse que parou e viu. Aí ele disse que quando olhou, viu a pinta, o rio enchendo e a água trazendo e veio bater na perna dele, então ele baixou, pegou a foto e a pinta. A foto tá do mesmo jeito de quando ele achou, do jeito que ele achou, eu não mudei nada, até a sujeira daquele dia continua aí. Ainda tá do mesmo jeito. (Maria – 19/1/2021).

A história envolvendo esse objeto é muito particular, enchendo de questionamento quem a escuta, aqui não foi o devoto que escolheu a imagem do santo, mas a imagem do santo que escolheu o devoto. Na imagem abaixo, é possível observar o verso da foto, o que nos possibilita, mais especificamente, ver que ela continua com as mesmas marcas de quando foi encontrada.

Figura 2: Verso da imagem do Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: Arquivo pessoal, 5/2/2021.

Depois de limpar e guardar o objeto, ela cuidou e alimentou o pintinho deficiente durante um bom tempo, não queria matá-lo, pois acreditava que, como ele veio junto com a imagem, deveria cuidar dele. Maria não usa a imagem para fazer orações, ela fica guardada dos olhos de outros que não são a família. Sua filha várias vezes tentou jogar fora o objeto, mas nem Maria e nem seu marido permitiram, pois acreditam ser um desrespeito com a imagem, como declara:

Eu tenho um bocado de santos, minha filha já quis dar, eu disse a ela: “Os outros você pode dar, mas esse Sagrado Coração de Jesus, não”, deixe ele aí, velhinho mesmo, eu nunca dei e nem dou, enquanto eu estiver viva ele está aí, agora depois que eu for embora eu não sei, né!” (Maria – 19/1/2021).

Percebi que, de alguma maneira, para ela, o cuidado com objeto também se constituía como missão particular. Ao perguntar por que ela mantém consigo até hoje esse retrato, ela disse: “É uma história viva, eu estou contando a você, se eu for contar para outras pessoas, vão dizer que é mentira minha”. A história do objeto antes de ele chegar até as mãos de Maria é uma incógnita: não se sabe a quem ele pertenceu, quais situações testemunhou, quais caminhos trilhou até chegar ali, mas, apesar desse obscurecimento de sua biografia antes da sua chegada até ela, há uma gama de significados: destino, predestinação e, agora, parte da história, intimidade e herança familiar. Maria disse que não coloca na parede, junto com os outros objetos religiosos que compõem seu altar doméstico, porque já está desgastado pelo tempo,

então deixa-o guardado dentro do móvel reservado dos olhares alheios, visando à melhor conservação da imagem já desgastada.

A imagem do Sagrado Coração de Jesus de Maria é um agente que estimula a produção e memórias sobre a enchente, sobre os momentos particulares e importantes da história do bairro Nossa Senhora das Dores e das relações familiares entre a proprietária do objeto, sua cunhada e seu marido. Ele é um agente que conecta o passado ao presente. Além disso, o modo como Maria guarda a fotografia, em um local reservado, demonstra que há de sua parte uma preocupação arquivística, voltada para a conservação de um objeto já fragilizado pelo tempo. Ou seja, mesmo não dominando as técnicas especializadas em conservação, a proprietária do objeto aplica seu entendimento de conservação, guardando o objeto em um local reservado de sua casa, próximo dos olhos, mas distante do toque dos que visitam sua residência e observam seu oratório particular.

Outros objetos que compõem a coleção de Maria e despertaram meu interesse são uma imagem de Padre Cícero e outra de Nossa Senhora Aparecida. Ela me contou que estes objetos pertenciam a uma de suas irmãs, Socorro, já falecida em decorrência de um acidente vascular cerebral (AVC), no ano de 2017. Após a morte, cada irmão pôde escolher entre os pertences dela o que desejava levar como lembrança. Ela, então, decidiu ficar com esses dois objetos. Não teve um motivo especial para a escolha, segundo ela, apenas decidiu que os levaria e o restante foi distribuído entre amigos íntimos.

Segundo o relato de Maria, sua irmã, Socorro, era muito religiosa, estava sempre presente nas cerimônias do bairro e, junto das outras vizinhas, participava todos os anos de romarias ao Juazeiro do Norte e a outras cidades do circuito religioso. Sempre que ia visitar o Padre Cícero, entre estadia e viagem de ida e volta, feita em algumas ocasiões em caminhões “pau de arara”,<sup>4</sup> que foram substituídos por ônibus de excursões, ela passava uma semana no local onde participava das missas e visitas aos locais de culto, sempre acompanhada por algum familiar ou vizinhos da comunidade. A viagem em si já era um atrativo em especial para ela e os outros participantes, durante o transcurso, terços, ladainhas eram rezados e vários louvores em homenagem ao santo também eram cantados, caracterizando uma completa cerimônia dentro dos moldes do catolicismo popular, elaborado e celebrado pelo povo.

---

<sup>4</sup> Meio de transporte irregular que ainda é utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar os caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. Usa-se também para vender frutas.

Em Juazeiro, ficavam instalados em pequenas pousadas chamadas de ranchos que podiam abrigar uma ou várias pessoas ao mesmo tempo. Nas visitas, circundavam a cidade indo a igrejas, monumentos, observando relíquias do tempo em que o Padre Cícero ainda era vivo. Muitos itens religiosos eram comprados, santos, terços, para a sua própria coleção, por encomenda de alguém ou simplesmente para presentear.

O momento especial da festa era a missa de despedida, Missa dos Romeiros, nenhum ônibus deixava o local antes do término da missa e da bênção final do pároco. Celebrada com a presença de vários romeiros, vários cânticos eram entoados e, ao final, durante a bênção, os devotos tiravam o chapéu da cabeça, saudando e se despedindo do Padrinho Ciço, sendo o arremate feito pela queima de fogos ao final da celebração. Maria, mesmo sendo muito religiosa, não tinha disponibilidade para ir todos os anos visitar o santo, visitava quando era possível, poucas ocasiões, mas sempre acompanhada de sua irmã.

O falecimento de sua irmã trouxe muita tristeza à família, contudo cada um a interpretou de uma maneira diferente. Na casa de Maria, relembram-se com carinho as histórias vividas, mas evita-se falar sobre o momento da morte para não trazer à tona o vazio deixado pela falta da pessoa. Vitória, mãe de Maria e Socorro, interpreta como um momento inevitável da vida, não o sente com tristeza. Segundo ela, “ela tá nas mãos daquele pai poderoso!”. Contudo, não lembra o passado, especialmente o trauma pela perda de sua filha, por crer que quem morreu, não deve ter o nome chamado, “Já foi, já passou!”. As imagens abaixo descritas fazem parte do acervo adquirido por Socorro em vida e que agora são parte do conjunto de Maria.

Figura 3 - Padre Cícero e Nossa Senhora Aparecida de Maria



Fonte: Arquivo pessoal, 5/2/2021.

As imagens em miniatura do Padre Cícero e Nossa Senhora Aparecida hoje fazem parte do acervo de Maria. Na casa da antiga dona, ficavam expostas na sala de entrada, junto com outros objetos representativos do catolicismo popular. Seguindo a biografia destes objetos a partir do relato de Maria, é possível perceber que as duas foram compradas em uma de suas visitas à cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

Quando chegaram à casa de Maria, foram colocadas em cima de uma estante localizada na sala, mas como à noite o pequeno Padre Cícero ficava fosforescente, a claridade incomodava o descanso dos ocupantes da residência e a visão dos objetos trazia à tona a lembrança da falecida que naquele momento era muito recente e desencadeava tristeza para a família. Diante disso, a filha mais velha da dona da casa o retirou juntamente com Nossa Senhora Aparecida e os guardou dentro de um móvel, resolvendo a questão da luminosidade e o excesso de objetos, uma vez que já havia outras imagens na sala, além da lembrança que eles despertavam, o que, naquele momento, trazia muito sofrimento à família.

A pequena Virgem Aparecida já chegou na residência plastificada, devido ao zelo da antiga dona, para que não ficasse suja com o tempo. A partir das imagens e da narrativa da

minha interlocutora, não é possível saber o motivo que levou sua irmã a comprar as imagens. Entretanto, quando perguntei sobre os objetos, a primeira intenção dela foi indicar a quem as imagens pertenciam e como chegaram a sua casa. Como pertenciam a sua irmã, no momento de dividir os pertences familiares, cada irmão pôde escolher o que queria levar de recordação, então ela decidiu por trazer esses símbolos religiosos. Os objetos foram distribuídos seguindo dois critérios. O primeiro diz respeito à escolha prévia de minha interlocutora das pessoas (parentes ou mesmo vizinhos mais próximos) para as quais os objetos de sua irmã seriam oferecidos e doados como herança. O segundo critério foi selecionar algumas imagens para que outros vizinhos e parentes próximos pudessem escolher as que mais lhes evocavam a memória e a lembrança da antiga dona dos objetos.

Conversando com outra interlocutora sobre a pesquisa, especialmente sobre os significados desses objetos herdados, ela me contou um antigo costume que toda família herdou e era comum quando ela era criança:

Quando alguém morria, era comum dar as roupas do falecido. A família não ficava com nenhum objeto, sobretudo se era a roupa do cônjuge. Depois do enterro, alguns dias passado o luto, a viúva reúne as roupas do morto e as doa para quem precisa (Rosália,<sup>5</sup> 10/10/2021).

As lembranças e o significado que os objetos carregam se costumam em um emaranhado de memórias, mantendo as lembranças do sujeito através daquele item, lembrança que se configura como memória dentro de um agrupamento, nos termos de Halbwachs (2004), justamente por se estruturar a partir do compartilhamento das lembranças individuais, até que elas se tornem memórias coletivas deste grupo.

Essa relação que envolve os objetos e as lembranças das pessoas que se foram também pode ser tratada a partir do exemplo de Silveira Lima Filho (2005). Os autores citam uma história relacionada a Frei Beto, quando ele esteve no exílio e ficou sabendo da morte de seu pai. Ao saber do acontecimento, tinha em seu poder um toco de cigarro que pertencia ao pai e, naquele momento, tal objeto passou a significar a presença do pai morto. O objeto, que antes era apenas mais um toco de cigarro, agora remontava lembranças antigas, vivências pelas quais os dois passaram, sentimentos naquele momento somente dele.

---

<sup>5</sup> Informação dada de maneira informal durante a escrita dessa pesquisa em 10/10/2021.

A narrativa de minha interlocutora algumas linhas atrás sobre a doação dos objetos colecionados pelas pessoas falecidas, em comparação com a narrativa de Frei Beto, utilizada por Silveira e Lima Filho (2005) nos leva a imaginar e mergulhar naquele universo de sentimentos e significados dentro da expressividade do relato. Em outras palavras, estimula o leitor a refletir que Frei Beto:

[...] longe de casa, trazia consigo um toco de cigarro de seu pai. Aquele objeto tão aparentemente desprovido de valor material tomou uma dimensão humana profunda, diante de certa tragicidade do vivido, quando Frei Beto recebe a notícia da morte do pai. Nesse momento, uma espécie de recursão metonímica parece emergir, posto que a parte (o objeto) se transformou no todo (a família, a cidade, o Brasil), desencadeando uma série de sentimentos no sujeito em exílio (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 39).

Mais ainda, nos estimula a refletir que

As imagens dos objetos também “circulam” nos meandros das memórias dos sujeitos, carregando lembranças de situações vividas outrora permeadas por certas sutilezas e emoções próprias do ato de lutar contra o esquecimento e a finitude do ser, bem como de seus vínculos com seu lugar de pertença (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 39).

Os dois objetos pertencentes a Socorro (a imagem de Padre Cícero e da Nossa Senhora Aparecida) representam a lembrança da irmã que já se foi. Memória que é presença na ausência. No relato da filha de Maria, um dos motivos para guardar os objetos, além da luminosidade que à noite atrapalhava o descanso, era o fato de que o simples olhar para eles trazia de volta a presença da falecida que não estava mais entre os vivos, gerando sofrimento pelas dificuldades iniciais de aceitação da perda. Os objetos transmutavam-se em um misto de recordações, lembravam determinados momentos da vida que haviam sido compartilhados em família, as viagens para Juazeiro do Norte. A saudade, a memória e a dor que estavam dentro de cada um e se materializavam naqueles objetos, sendo a melhor decisão, segundo ela, guardá-los, retirá-los dos olhos dos moradores da casa para não evocarem memórias que, naquele momento, eram de dor, tristeza e saudade.

A fotografia abaixo também foi feita em uma de minhas visitas ao bairro Nossa Senhora das Dores. A imagem de Padre Cícero, que pertence à dona Vitória, outra das minhas interlocutoras, foi herdada de sua filha Socorro, acima, muito devota do Padre Cícero – tinha-o como “padrinho”.

Figura 4 - Padre Cícero, lembrança pertencente à dona Lia.



Arquivo pessoal, 5/2/2021.

Sempre que ia à cidade de Juazeiro, além da programação de visitar todos os pontos considerados sagrados pelos romeiros, na missa de encerramento da festa, Socorro comprava flores e as colocava no altar de Nossa Senhora, comprava vários pacotes de fogos e os soltava em homenagem ao padre. Esta imagem foi comprada por ela em uma dessas viagens e ficava localizada na sala de entrada de sua casa. Depois de seu falecimento, Vitória a escolheu como recordação e por devoção.

Um aspecto que chama a atenção, e também a diferencia de outras figuras do mesmo santo, é a indumentária. Nessa imagem, ele aparece paramentado com vestes sacerdotais, usadas em ocasião de festa, com um terço branco em volta do pescoço e um pequeno ostensório com a hóstia, representando o corpo de Cristo. A roupa mais conhecida pelos devotos é a batina e o chapéu preto. Quando chegou à casa de Vitória, já estava envolta em um plástico como forma de proteção do desgaste do tempo, para não ficar encardida<sup>6</sup> pela poeira.

A história desse objeto está relacionada com as imagens em miniatura de Nossa Senhora Aparecida e do Padre Cícero que estão na casa de Maria, o que há de similar é que os objetos

<sup>6</sup> Amarelada pelo tempo e pela poeira.

também pertenciam a Socorro. Entretanto, há sentimentos antagônicos permeando a herança desses objetos. Para a família de Maria, a imagem trouxe um sentimento de tristeza e saudade, por causa das memórias traumáticas relacionadas ao falecimento da antiga proprietária, já para Vitória, mãe de Socorro e de Maria, o objeto não desperta tal sentimento, não evoca tristeza, está pincelado das lembranças da dona a quem pertenceu e agora é mais um objeto que compõe o acervo que fica em sua sala de entrada. A lembrança construída por Vitória foi administrada objetivando a não trazer conflitos ou sofrimentos, mas harmonia em relação ao objeto e ao que se deseja lembrar. Nesta dinâmica de se relacionar com os objetos herdados de pessoas falecidas,

A memória é coletiva, mas isso é apenas uma parte do que ela é. Os indivíduos também têm suas lembranças: através de uma espécie de “trabalho psicológico”, eles elaboram subjetivamente os acontecimentos, participam ativamente do processo de formação das memórias dos grupos e administram suas próprias lembranças em harmonia com a identidade que almejam construir para si mesmos (POLLAK *apud* RIOS, 2013, p. 18).

As memórias construídas pelo grupo refletem como esse grupo se percebe, se identifica, reforçando lembranças do passado inseridas num processo de autoafirmação no presente. Sobre esse ponto, Halbwachs (2004) vai destacar que a lembrança é pensada como reconstrução do passado, estando na atualidade sua imagem alterada; “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”, da qual “a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2004, p. 91).

O artefato religioso para dona Vitória, além da recordação de sua falecida filha, ocupa lugar como mais um agregado a seu acervo de objetos religiosos, sem ser colocado em questão se possui aura mística ou não, é apenas mais um objeto para a atual dona que agora faz parte de sua coleção particular, sendo guardado e cuidado para que o tempo não o destrua. Uma situação que chama a atenção em relação a essa imagem do Padre Cícero em particular são os diferentes significados que os objetos herdados de Socorro evocam nesse grupo familiar. Para uns, tristeza, dor, sofrimento, saudade que é acionada apenas com a simples visão do objeto. A memória que remonta fatos, pessoas, acontecimentos e ações realizadas em grupo e no seio familiar são as mesmas, mas os sentimentos advindos disso são contrários, como bem reflete Stallybrass (2016), sobre o poder dos objetos como vetores de memórias, especialmente as roupas:

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nossos cheiros, nosso suor, até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, nossos amigos, nossos amantes morrem, as roupas ficam ali, em seus armários, retendo seus gestos, ao mesmo tempo reconfortantes e aterradores – os vivos sendo tocados pelos mortos (STALLYBRASS, 2016, p. 14).

Olhar uma peça que pertenceu a alguém que já não existe é olhar para um pouco de sua essência que ficou para trás, indicando que aquela pessoa já pertenceu àquele caminho, àquele espaço. Ainda nesse mesmo pensamento, para outros membros do núcleo familiar a saudade que evoca não gera tristeza, apenas certeza de missão finalizada, como também nos faz refletir Stallybrass (2016):

Para mim, mais confortantes que aterradores, embora eu sentisse ambas as emoções. Pois sempre quis ser tocado pelos mortos: sempre quis que eles me assomassem: tinha inclusive a esperança de que eles se levantassem e me habitassem. E eles literalmente nos habitam por intermédio dos “hábitos” que nos legam. Vesti a jaqueta de Allon. Por mais gasta que estivesse, ela sobreviveu àqueles que a vestiram e, espero, sobreviverá a mim (STALLYBRASS, 2016, p. 14).

A roupa retém gestos, a imagem de Padre Cícero conjura o espaço vazio que não será mais ocupado por aquela pessoa: Socorro. Para Maria, a ausência da irmã vislumbrada nas duas pequenas imagens e para Vitória, saudade que não é dor, mas lembrança de alguém que já cumpriu sua missão, seu tempo na terra.

## **Considerações finais**

Neste trabalho, procurei observar como alguns objetos pertencentes a pessoas já falecidas estão impregnados de lembranças de seus antigos proprietários, como impactam na vida de quem os recebe. Também como estes objetos despertam sentimentos diferentes a depender da relação do falecido com a pessoa presenteada. Também analisamos como estes objetos auxiliam na manutenção das recordações e construção de uma memória individual e social.

Ainda dentro da religiosidade popular, e pensando os objetos junto às práticas de colecionamento, observamos modos plurais de confecção dos altares particulares e suas variadas estéticas, como cada altar encerra uma narrativa própria, seguindo um roteiro familiar. Também foram observados os processos de limpeza e conservação utilizados de maneira

intuitiva que fogem às regras oficiais de conservação de acervos de coleções, mas que são eficazes dentro de seus contextos de conservação.

Durante todo o caminho percorrido nesta pesquisa, tendo como personagem central os objetos representativos do catolicismo popular, ficou evidenciado que as coleções são uma extensão das experiências vividas das minhas interlocutoras de pesquisa. Elas fazem parte de suas histórias e estão entrelaçados nessa mesma história, que se mistura com as narrativas do grupo.

Apesar de ter observado os objetos de coleções de maneira particular através de cada participante, ficou claro com o desdobramento das entrevistas que as coleções são ao mesmo tempo separadas por fazerem parte de diferentes famílias e, ao mesmo tempo, estão interligadas ao grupo, devido ao processo de composição desses acervos religiosos de agregar diferentes maneiras de aquisição (herança por morte, presentes comprados especialmente para determinadas pessoas ou presentes dados em uma ocasião especial – crisma, batismo). Também foi possível perceber que as nossas interlocutoras de pesquisa estão junto com os vizinhos inseridos numa teia de socialidade (familiares, madrinhas, amigos, companheiros de romaria), que se efetiva, parafraseando Marcel Mauss, numa sistemática relação de “dar e receber”, fazendo o particular se tornar coletivo.

Ao fim, gostaríamos de destacar os impactos da pandemia de Covid-19, decorrente do coronavírus, nas vivências das nossas interlocutoras. Por mais que elas não tenham me relatado a perda de familiares por causa da pandemia, observamos que suas dinâmicas de vida foram bastante afetadas, principalmente no que diz respeito à realização das suas atividades religiosas, como organização da procissão da padroeira da cidade e das festividades ligadas a ela, assim como das rezas que giram em torno dos seus altares religiosos. Ao nos debruçarmos sobre suas histórias e memórias motivadas pelos objetos de altares religiosos, juntamente com os estudos antropológicos que tratam do tema da circulação de objetos etnográficos e de coleções, percebemos que a antropologia dos objetos pode contribuir com os estudos sobre as transformações da vida social pós-covid-19. Mais ainda: este estudo, assim como os autores aqui utilizados, pode lançar luz sobre a relação que existe entre os objetos etnográficos e de coleções, as memórias sociais e a morte. Sugerimos que esta relação seja explorada em novos estudos socioantropológicos sobre o tema das coleções e dos objetos etnográficos.

---

## Referências

- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 15-88.
- BAUER; GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARX, K. **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MAUSS, Marcel. 1950. **Ensaio sobre a dádiva**. Com introdução à obra de Marcel Mauss, por Claude Lévi-Strauss. São Paulo: Edições 70, 1950.
- OLIVEIRA, João Pacheco. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. **Tempo**, v. 12, n. 23, 2007.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RIOS, Fábio Daniel. Memória Coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In **Intratextos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.
- SILVEIRA, Flavio Leonel; LIMA FILHO, Manuel. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005, p. 37-50.
- STALLYBRASS, PETER. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. Organização e tradução: Tomaz Tadeu, 5ª ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Recebido em 15 de outubro de 2022 | Aceito em 18 de outubro de 2022



Esta obra está licenciada  
conforme Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional